

ALUSTRACÃO

POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS

PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FERAS

PREÇO POR ANNO DU 52 N.º 1.º000 REIS — CADA N.º 20 REIS

ANNO 1.º | LISBOA, 14 DE AGOSTO DE 1884 | NUMERO 7



PALACIO D'INVERNO EM S. PETERSBURGO

CHRONICA DA SEMANA

SUMARIO — Medidas sanitarias — O concerto a favor dos pescadores de Caparica — Um assassinato

Não têm escasseado louvores às auctoridades encarregadas de velarem pela saúde publica e, graças às providencias adoptadas, tem melhorado consideravelmente o estado sanitario de Lisboa, como pôde verificar-se pe-

los boletins demographicos das ultimas semanas, que dão uma percentagem menor na mortalidade, comparados com os dos annos precedentes.

É eloquente o facto e demonstra cathgoricamente a necessidade de tornar effectivas as medidas adoptadas, não só para estarmos sempre precavidos contra a invasão de qualquer epidemia, mas para desmentirmos a qualificação

José J. Prestello.

de — insalubre — que tem, não só no paiz, como no estrangeiro, a formosa rainha do Tejo.

Não basta, porém, o que se tem feito, que é realmente muito. É necessário mais ainda. É preciso cortar o mal pela raiz e acabar de vez com a causa unica d'essa crescente e assustadora mortalidade, que de anno para anno se vae accentuando e contra a qual não são sufficientes os meios prophylaticos, adoptados na occasião presente.

Todos sabem que no pessimo systema de canalisação está a genese d'esse morbus morticida, que se manifesta por differentes fórmas e ao qual a sciencia já deu o nome de febres de Lisboa.

Ora se é conhecida a causa e se essa causa pôde ser supprimida, façam-se todos os sacrificios, empenhem-se todos os esforços e esgotem-se todos os recursos para conseguir esse beneficio publico e para satisfazer esse desideratum commum.

Se os rendimentos do municipio não são sufficientes peça-se auxilio ao governo e se isso não fôr bastante recorra-se ao emprestimo nacional, com um juro modico, que não faltarão capitaes, que se offereçam para um fim tão util e tão instante.

Nós conhecemos e sabemos avaliar os sacrificios que são precisos para levar a cabo uma obra de tal magnitude: mas sabemos tambem que outras se têm realisado, menos necessarias e menos urgentes do que esta que reclamamos.

A *Avenida da Liberdade*, por exemplo, era mais dispensavel, e a *Avenida* abriu-se á custa de centenas de contos de reis e sem haver uma necessidade publica que reclamasse aquella obra.

Aproveitem-se, pois, os estudos feitos e façam-se outros se tanto fôr necessario, mas reforme-se o pessimo systema de canos de esgoto que existe, e faça-se a reforma de modo que as aguas do Tejo arrastem barra fóra esse lixo imundo que, na baixa mar, fica exposto ao sol, tornando insupportavel o ambiente pelos miasmas que exhala.

×

Realisou-se, como se tinha annunciado, o concerto em favor das victimas do incendio de Caparica.

Se o espaço fosse mais amplo, maior teria sido o numero dos contribuintes para o meritorio fim, que teve em vista a benemerita commissão, organisadora d'aquella esplendida festa.

A illuminação era profusa e deslumbrante e

o programma foi executado com a maestria, que distingue as bandas, que tomaram parte no concerto.

A *Ode symphonica* do maestro Manoel Antonio Correia foi irreprehensivelmente executada por todas as bandas sem omissão de nenhuma das exigencias da partitura.

Esta composição mereceu o applauso geral e, se outros titulos de gloria não engrinaldassem a frente do illustre compositor, bastava esta peça para dar-lhe um lugar distinctissimo entre os mais inspirados maestros.

A commissão deve estar satisfeita pela bizzaria, com que o publico tem acudido ao seu apello, e as desventuradas victimas d'aquelle fatal incendio devem ficar reconhecidas aos esforços empregados pelos seus bemfeitores, que se não têm poupado a sacrificios para lhes melhorar a triste situação em que ficaram.

×

Mais um assassinato, praticado com a infamissima navalha, ficou registado nos annaes do crime.

Repugna relatar taes factos cuja sequencia é um labéo lançado no character nacional, que não é, como pôde suppôr-se, dado a estas scenas de sangue.

O caso é tão repellente que não carece de ser carregado nas côres para ser visto, tal qual é, sinistro e hediondo.

Um cautelleiro fadista, um cobarde, um miseravel, um d'esses seres abjectos, que por ahi enxameam, porque a lei é tão condescendente, que tolera esses parasitas, que entram na vida roubando um lenço e vão subindo na escala dos vicios e dos crimes até chegarem ao assassinato, enterrou uma navalha no coração de um homem que lhe castigou umas insolencias com um par de murros.

É a historia de todos os criminosos d'aquelle jaez, para os quaes o degredo é uma pena insignificante.

Conhecemos que é difficil exterminar essa horda de faquistas, que infestam a capital: mas se é difficil, não é impossivel a tarefa, e o primeiro passo é supprimir essa vergonha nacional chamada a — *Loteria* — que é a capa que encobre a ociosidade d'esses malvados, mais perigosos que os cães hydrophobos, porque para estes a civilisação inventou a agulha envenenada e para aquelles aboliu a força e supprimiu o carrasco.

◀ ⊕ ▶

DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

O PALACIO DE INVERNO é uma das sumptuosas residencias dos autocratas da Russia.

Pelo *croquis*, que os nossos leitores encontram n'este numero, pôde avaliar-se a sumptuosidade d'esse edificio, que é um monumento de architectura, não só pela sua grandeza, como pela regularidade do risco e pela perfeição artistica dos seus labores.

Entre as residencias dos faustosos czares, esta é uma das mais notaveis; e na historia d'aquella nação o *Palacio de Inverno* representa um papel importantissimo, porque tem sido o theatro de muitas scenas politicas.

A segunda gravura d'este numero representa uma Sarakoleza e uma Kassonkeza, mulheres do Alto Senegal. Devem pouco à natureza as mulheres d'aquellas raças. Nem belleza, nem elegancia, nem graça, nem intelligencia, finalmente falta completa de todos os predicados, que distinguem o bello sexo do sexo forte.

Além de feias, vestem-se de uma maneira tão exotica, que ficam ainda mais horrorosas.

Os penteados, que usam, são esquisitos e extravagantes, mas tão complicados e difficeis, que se podem considerar milagres da paciencia.

Têm uma grande predilecção pelas contas e pelos enfeites de metal, com que se adornam com tal profusão, que chegam a esconder o peçoço nas voltas duplicadas dos collares.

Têm noções tão exactas do pudôr, que envolvem o tronco em amplos manteus e usam em vez de saia uns sacos de riscado, tão estreitos que lhes tolhem os movimentos.

Os pés são chatos, informes e horrendos. Os leitores, em face da gravura, podem fazer ideia da benevolencia da nossa apreciação.

O Cabo Norte é uma massa enorme de rochedos esbranquiçados e de aspecto phantastico, que entra pelo mar dentro, cortando as vagas espumantes do oceano artico.

N'essas sombrias paragens, segundo as informações que nos dá o illustre viajante inglez, a que abaixo nos referimos, é tal a aridez das paisagens, que a vista não encontra um oasis em que repouse.

Montanhas de gelo, um ceu carregado, onde se não vê o brilho do sol, noites escuras, sem o

matiz das estrellas, eis o quadro desolador que offerece aos viajantes aquella paragem, representada na nossa terceira gravura.

A nossa ultima gravura é o retrato de um d'esses valentes marinheiros russos, que affrontam os perigos maritimos com o sangue frio e a coragem caracteristicos dos homens do norte.

Não ha typo mais accentuadamente viril do que o d'esses homens tão valorosos como intelligentes, que se empregam na ardua e arriscada profissão maritima, no mar polar.

Cobertos de pelles, com a barba crescida, o olhar firme e incisivo, as feições correctamente desenhadas, a estatura desenvolvida e com uma energia moral, pouco commum, aventuraram-se aos riscos da navegação, da caça e da pesca, com um *stoicismo* admiravel.

No curioso livro de mr. William Hepwoll Dixon — a *Russia Livre* — encontram-se detalhadas noticias ácerca do caracter, dos costumes e da vida dos habitantes das regiões polares, que elle teve occasião de estudar, nas suas viagens áquellas regiões.



ALBUM

CASTRO ALVES

Cerebro de spartano, o grande sol fecundo,
Tu, que a sorte choraste aos miseros escravos,
Fôras Christo mostrando aos resignados bravos
A cruz da redempção no ceu do Novo Mundo.

Sim, quando o abutre informe, o negro captivo
As entranhas roía a tantos infelizes,
E o braço do feitor, pesado, traiçoeiro
Mais e mais lhes cavava as fundas cicatrizes;

Quando o *pae* e senhor os scios assaltava
Às desgraçadas mães, roubando-lhes os filhos
Para os vender em publico a essa raça ignava,
Assim como quem vende um bando de novillos:

N'esse instante o bramir das mais acerbas dôres
Parecia ouvir-se nos paramos dos ceus!
Eras tu, eras tu, que contra os mercadores
Andavas accendendo as coleras de Deus!

Prodigio sementeador da Santa Liberdade
C'os soluços das mães firmaste a tua gloria!
Já nada mais te resta: Um sol na eternidade
E um nome arremessado ás amplidões da Historia.

ALFREDO CEYLÃO.





MULHERES DO ALTO SENEGAL



O CABO NORTE

For J. P. Smith.

MINIATURAS

GIL VICENTE

É UM dos vultos mais eminentes do século xv. Poeta lyrico e dramatico distincto, tornou-se também notavel como actor, como musico e como ourives.

O seu theatro tem o raro merecimento de ser verdadeiramente portuguez.

Gil Vicente foi o primeiro escriptor do nosso paiz, que comprehendeu, com uma elevada intuição, o valor das litteraturas. É por isso que, em muitas das suas obras, ha profundos vestigios da tradição nacional.

O celebre fundador do nosso theatro, era um espirito altamente culto; e se como poeta comico, é por ventura o primeiro do seu tempo, como *lavrante*, occupa um logar distincto entre os admiraveis artistas do seculo de Miguel Angelo e de Leonardo de Vinci. A primorosa Custodia de Belem—uma das maravilhas da ourivesaria do renascimento—é a revelação mais brilhante da inspiração artistica de Gil Vicente, o poeta jovial e originalista da corte de D. Manuel.

O encyclopedismo é o traço mais característico das celebridades da Renascença.

JOSE PESSANHA.

CARTEIRA UTIL

OFFERECEMOS ás nossas gentis leitoras uma receita magnifica para fazerem, com economia, um saborosissimo licor, tão agradável ao paladar, como ao olphato, e que além d'isso é um tonico excellente e recommendado pelos melhores e mais sabios hygienistas.

Não tem difficuldades o fabrico d'esta deliciosa bebida e a occasião é apropriada para ser feita a experiencia,

Escolhem-se doze pecegos grandes, maduros e saos, e partem-se em fatias delgadas, que se deitam dentro de um tacho novo e vidrado, onde já devem estar dois litros de bom vinho branco.

Depois põe-se o tacho sobre um lume brando, onde se deixa ferver, até que os pecegos e o vinho formem uma calda grossa e gelatinosa.

Retira-se então o tacho do lume e passa-se o seu concheudo por uma peneira fina, ajuntando-se-lhe em seguida 525 grammas de assucar branco, meio litro de aguardente e um pau de canella.

Deixa-se repousar tudo, por espaço de quinze dias, e cõa-se depois para garrafas, onde pôde ser conservado por o tempo que se quizer.

Experimentem v. ex.^{as}, e sempre que saboreiem o precioso licor lembrem-se de quem, com tanto desprendimento, lhes deu a receita, que podia fazer a fortuna de qualquer conserveiro.

UM GULOSO.

REVISTA DOS THEATROS

NÃO ha uma unica casa de espectaculos, que abra as suas portas ao publico, nem havia também publico, que accéitasse o supplicio

de ir penar para o purgatorio do theatro n'estas noites de asphyxiante calor, que tem havido em Lisboa.

O Colyseu chegou a tentar, não dizemos bem, imaginou tentar a concorrência, annunciando uns concertos espectaculosos nos programmas; mas o publico resistiu á tentação e continuou a affluir ao passeio de S. Pedro d'Alcantara e aos pequenos *squares* do Aterro, preferindo a tepida bafagem das auras ao supplicio de ver orvalhados de suor os instrumentos dos illustres professores, que com uma coragem sobrehumana se arriscavam a ver desgrudar os seus *stradivarius* n'aquelle ambiente de 40 graus centigrados.

Concertos esplendidos foram os que no antigo passeio publico organisou e dirigiu Madame Josephine Amann.

Esses sim, eram deliciosos, eram concorridos, eram apreciados, porque além da competencia da eximia professora, que os dirigia, proporcionavam ao espectador a commodidade de ouvir as melodias dos grandes mestres, ao ar livre e em um ambiente perfumado pelas emanações balsamicas do arvoredo.

E a verdade é que esses concertos crearam no publico o gosto pela musica classica, que tem hoje innumerados amadores e que até então era quasi que desconhecida entre nós, que tinhamos o ouvido acostumado á musica *cantabile* da escola italiana.

Madame Josephine Amann, apesar de ter desaparecido o passeio publico e não haver em Lisboa outro recinto, onde podésse continuar os seus concertos, alimenta o fogo sagrado, offerecendo, por um modicissimo preço, uma excellente publicação litteraria-artistica-musical, onde os amadores encontram as mais primorosas joias da sublime arte de Beethoven, Schubert, Litolff e outros.

É um primor artistico — a *Gazeta Musical* — Magnifico papel — impressão nitida — curiosissimos artigos — a parte litteraria escrupulosamente cuidada e a parte musical esplendida pela variedade, pela quantidade e pela qualidade.

Nem mesmo no estrangeiro conhecemos publicação alguma n'aquelle genero, que se lhe avante e é de presumir que a empreza colha dos sacrificios, que está fazendo, beneficos resultados, attento o merecimento da publicação, a modicidade do preço e a regularidade da distribuição.

São esses os nossos votos.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

II

Na Opera:

(Continuado do numero antecedente)

SEGUNDO o meu systema, repare que não digo mal do dos outros, o amor, sendo uma paixão resultante de um contacto qualquer material ou immaterial, ha de ter necessariamente um começo.

— De accordo.

— Uns gastam sete dias a construir esse cadafalso, tantos quantos Deus gastou para fazer o mundo e outros levantam o em sete segundos. É uma questão de temperamento. O que é notavel, porém, é que se, para a geração do amor, o tempo varia segundo as organizações, para a morte d'elle a duração é a mesma, lenta e angustiosa. Portanto quer o temperamento seja nervoso, bilioso ou lymphatico o tratamento a seguir é sempre o mesmo.

— Qual, doutor? perguntou Roberto, sorrindo.

— O abuso que vae direito á cura, isto é ao esquecimento.

— A sua theoria, Williams, consinta que lh'o diga, é essencialmente materialista.

— Porque?

— Porque o amor é considerado como uma doença physica.

— Mas o amor não é outra coisa.

— Sericamente?

— Muito seriamente.

— Então a alma não tem nada com essa paixão?

— Não.

— Mas então isso que sentimos moralmente...

— Perdão. É necessario não confundir as facultades da alma com as do cerebro. Eu nego que o amor nasça na alma e sustento que essa paixão é uma resultante de uma especie de amolecimento cerebral, porque o cerebro é a sede de todas as loucuras.

— É essa a sua convicção?

— Certamente, a convicção adquirida na experiencia propria. Mas se as minhas theorias lhe repugnam fica-lhe o direito salvo de regeital-as, de continuar a viver nos seus mundos idias e,

de deixar voar a alma pelo roseo ceu da sua phantasia em busca da sua irmã gêmea. E se isso ainda o não contentar, eu explicar-lhe-hei o systema da attracção dos espiritos, da união dos corações, o de Swedenborg, o philosopho sueco, o de...

— Basta! interrompeu Roberto. Basta! O meu amigo possui uma erudição pasmosa sobre o assumpto e que só pôde ter sido adquirida á custa de sacrificios de sensibilidade.

— Como se engana.

— Nunca amou?

— Não digo que não — respondeu o nobre inglez, cuja fronte se annuviou. — Já amei...

— Quantas vezes?

— Uma só.

— E?...

— É esse amor vive ainda.

— Ah!...

— Mas voltemos ao nosso ponto de partida. Fallavamos de si. Diga-me, está apaixonado?

— Não!

— Que diziamos então, quando começamos esta discussão?

— Que se o fogo se manifestasse de repente, n'esta sala, eu me arriscaria ao perigo das chamas para salvar uma mulher, cuja belleza me impressionou.

— Bravo! O seu cerebro resente-se ainda dos ardores do sol da Africa. Mostre-me essa houri que tanto o magnetizou. Onde collocou Mahometh essa joia do seu paraíso?

— Á sua direita, Williams. No camarote que segue ao do marechal de M*** M***. Vê?

Sir Williams não respondeu.

Os vidros do seu binoculo estavam na direcção do camarote da formosa mulher, que n'essa occasião estava só e em languido abandono deixava errar ao acaso os formosos olhos, que pareciam seguir no espaço um sonho caprichoso da sua imaginação.

Sir Williams viu, fixou-a e impalideceu.

— Que tem? perguntou Roberto.

— Nada, meu amigo... um choque nervoso. É realmente formosa aquella mulher.

— Conhece-a?

— Conheço.

— Sabe como se chama?

— Sei. É a marquiza Regina de Sandoval. Pertence a uma das mais illustres familias do Brazil.

— Já lhe foi apresentado?

(Continua.)

EXPEDIENTE

A GRADECEMOS a todos os nossos colaboradores a sua illustrada cooperação e é tal a affluencia de original para a nossa secção, *passatempo*, que não nos é possível publicar, como desejavamos, todas as produções, que nos teem sido enviadas.

Fica assim explicado o motivo, por que não demos ainda algumas charadas, que nos foram offerecidas com o pedido de urgencia na publicação.

×

Accusamos tambem a recepção de algumas cartas com a decifração do enigma e charadas do numero antecedente.

Eis os decifradores:

Carmo e Sousa—P. N.
—Q. Pereira.

Recebemos igualmente a offerta de dois excellentes artigos do nosso collaborador Rogerio de Villamaior, que publicaremos em um dos nossos proximos numeros.



UM PILOTO RUSSO

PASSATEMPO

ENIGMA

(SUPPRESSÃO DE CONSOANTES)

.a .ue .ão .o .o .e .ui. — .c
.é .i .a .e .a .ão
.ou — .c .a .a .o .a . ia
.eu a .a . e .o .a .ão

CARMO E SOUSA.

CHARADA NOVISSIMA

Atravessa a idade do recreio — 2 — 2.

ASSA & SINOS.

Affirma e ordena esta mulher — 1 — 1.

B. P.

CHARADA

No fim do patrio Tejo
Principia o Oceano — 1
É um nome portuguez
E chapado luzitano — 1.

Amor o fez assassino
Amor o fez deshumano.

P. A.

Explicação do enigma do n.º 6:—Ou para o homem eu para o cão leva a tua espada na mão.

Explicação da charada — ALFACE.

Explicação da charada novissima — DESTINO.

Typ. da Empresa Litteraria Luso-Brazileira—Lisboa
5—PATEO DO ALJUBE—5